A POBREZA DAS NOSSAS VIVÊNCIAS OU COMO MATAMOS A EXPERIÊNCIA

por

Claudio Cesar Montoto*

Os tais 140 caracteres reflectem algo
que já conhecíamos: a tendência ao monossílabo
como forma de comunicação. De degrau em degrau
vamos descendo até o grunhido.

José Saramago, 26/07/09.

Resumo: O autor, a partir do texto "Experiência e Pobreza" de Walter Benjamin (1933), reflete sobre a atualidade das críticas a respeito da negativa dos indivíduos de se defrontarem com as vivências para transforma-las em experiências por meio de um processo de introspecção mental para transmiti-las aos outros, com o consequente enriquecimento da cultura. No mundo contemporâneo, sustenta o autor do trabalho, os sujeitos se identificam a um imperativo perverso de acumular vivências (repetição de conceitos, informação que nunca chega a se transformar em conhecimento, estatísticas como forma de existência, dentre outras) provocando o vaziamento da subjetividade.

Palavras-chave: Vivência vs. experiência; massificação; perda da subjetividade.

Abstract: THE POVERTY OF OUR LIVING OR HOW WE KILL EXPERIENCE. The author, based on Walter Benjamin's "Experience and Poverty" (1933), reflects on the relevance of the criticism on the individuals' refusal to confront facts to transform them into experiences through a process of mental introspection, in order to transmit them to others, with the consequent cultural enrichment. In the contemporary world, argues the author of the study, subjects are identified with a perverse compulsion to accumulate facts (repetition of concepts, information that never becomes knowledge, statistics as a mode of living, among others), causing the emptiness of subjectivity.

Keywords: Living vs experience; massification; subjectivity loss.

---

* Prof. Dr. Claudio César Montoto. Argentino residente en São Paulo (Brasil). Psicanalista lacaniano. Professor do Curso de Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura – na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Autor do livro: Ou o amor não existe ou é um inevitável equívoco (Itapira: 2005); co-autor do livro Frente & Verso. Reflexões Psicanalíticas sobre lutos, morte, câncer (Itapira: 2002-esgotado). Co-Organizador do livro Borges Centenário (Educ:1999-esgotado). Tem artigos publicados na Argentina, Brasil e USA. E-mail para contato: cmontoto@ig.com.br

A citação de José Saramago com a qual começamos esta reflexão aponta para uma das ferramentas de internet mais usadas hoje em dia: o twitter. Se alguém dizer que não usa, praticamente condena-se ao ostracismo, classificado como quadrado ou fora de época. Para se manter constantemente informado nada melhor que estar plugado no twitter ininterruptamente. No entanto, chama a atenção a exigüidade do campo de escrita: só 140 caracteres. O que pode ser transmitido, compartilhado em profundidade nesse reduzido espaço para escrever? Como se fosse pouca limitação, vemos que os usuários usam unicamente a língua em terceira pessoa do singular. Além de aparecer pouquíssimo o sujeito nessa minúscula conta de caracteres, ainda fica mais descaracterizado quando 'aparece' em terceira pessoa. Não é necessário, talvez, lembrar que se posicionar como terceira pessoa faz parte do 'estilo' característico do sujeito nos seus primeiros estágios, ou seja, quando a criança ainda não tem seu eu plenamente estabelecido. No caso de um adulto usar de uma maneira quase que constante o seu discurso na terceira pessoa do singular faria pensar em uma questão de regressão a estágios bem primitivos, o que o senso comum define como infantilização. No entanto, há uma segunda leitura sobre este tipo de discurso e, desta vez, bem mais problemática que a anterior. Trata-se da maneira com que articula a língua o sujeito psicótico. Sabemos bem que o esquizofrênico não fala, ele é falado; há um deslocamento da voz ativa para a voz passiva. Como ilustração, lembro-me de um paciente, relatado por uma colega de hospital, que se manifestava: "Pedro quer pipoca, Pedro quer pipoca". No twitter acontece sempre a mesma forma de articular os dizeres postados pelos usuários: "A Sandra vai para depilação"; "O João está preso no trânsito". Essas duas amostras tiradas do real (somente mudei os nomes próprios) apontam para mais uma questão além da síntese que faz perder consistência à frase e do acobertamento do sujeito: a banalidade da exposição semântica, ou seja, o conteúdo superficial, a inexpressividade do campo semântico das mensagens. Qual poderia ser a transcendência de postar que alguém vai para ser depilada? Qual seria a reflexão para fazer, de alguém que diz que está preso no trânsito? Há alguém que se movimente no trânsito e que, nesta cidade e nestes tempos, não fique preso no marasmo de veículos? Pareceria que no mundo contemporâneo, a necessidade dos sujeitos de estarem permanentemente sendo observados, vistos pelo programa pan-óptico da sociedade do espetáculo, faz com que eles se sintam obrigados a deixar uma marca constante de todas as vivências. O celular que tira fotografias está preenchendo essa função. Não importa o lugar onde se esteja, é obrigatório tirar uma fotografia e postar imediatamente na internet. O mundo de vivências, de estatísticas, de quantidades é o que vigora. Dificilmente essas expressões passam do valor icônico, de serem nada mais que uma fotografia que testemunha um fato. Por isso, Bauman (2008: 21)[1] nos lembra que "na era da informação, a invisibilidade é equivalente à morte". Dificilmente essas fotografias são um motivo, uma provocação para se transformarem em algo para ser comunicado, cuja transcendência possa ultrapassar a questão meramente simplória, estatística. Parece estranho que o texto que Walter Benjamin fez no ano 1933, nos dias de hoje tenha uma aplicação total devido à sua pertinência e renovada atualidade. Benjamin diferencia duas categorias: **vivência** e **experiência**. A partir de uma análise das conseqüências que provocara a Primeira Guerra Mundial nos combatentes e na sociedade em geral, e constatando que os soldados retornaram da guerra "totalmente silenciosos", Ben-

[1] BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

jamin tece reflexões sobre a importância da transmissão daquilo que foi vivenciado. Para ele, quando se fala de vivência significa a expressão de um ato desprovido de qualquer reflexão, sem contextualizar com o passado e menos ainda como expressão idealizada de algo articulado com o futuro. Pareceria que hoje vivemos determinados pela vivência: fazer uma quantidade absurda de coisas, assumindo compromissos constantemente, peregrinando de lugar em lugar, freqüentando, por exemplo, vários bares na mesma noite, onde a quantidade de pessoas e o nível dos decibéis do lugar não permitam se comunicar, ou seja, uma série quase infinita de fazeres, de fatos, de momentos que sempre e inexoravelmente ficam ocos de conteúdo. Fazer por fazer, números por números, quantidades por quantidades.

Como exemplo de como funciona o ser humano movimentado pura e exclusivamente com o desejo de vivências, relatarei um fato vivido. Mais ou menos um mês atrás, estava almoçando em um restaurante japonês quando ingressa um grupo, de oito jovens, que escolhe ocupar uma mesa muito próxima da minha. Eles carregavam mochilas e livros. Pela proximidade geográfica com a PUC-SP não foi difícil imaginar que eram estudantes universitários. Fizeram os pedidos e começaram a conversar sobre cinema. Durante aproximadamente quarenta minutos, cada um deles foi enumerando quase com fruição paranóica uma lista interminável de filmes, atores, atrizes, cineastas e anos dos filmes. Foi uma série ininterrupta de nomes, sobrenomes, alguns adjetivos e também as formas verbais "gostei; não gostei". Parecia que cada um tinha a imperiosa necessidade ou a obrigação narcisista de citar nomes de cineastas, anos, títulos e diretores de filmes, nada além disso... No entanto, não houve nem sequer uma vez que algum deles manifestou uma argumentação sobre o valor estético ou outro tipo de valor de um filme. Não houve uma vez sequer que algum deles tenha dito algo da ordem da subjetividade como, por exemplo, que o filme o fez lembrar de uma passagem da vida dele ou que provocou um determinado sentimento. Nada remetendo ao passado subjetivo, nada para ser articulado com o anelo de algo futuro. Pura e simplesmente estatísticas. Após os quarenta tediosos minutos, todos pagaram a conta e foram embora, talvez pensando que tinham compartilhado muita coisa com seus colegas. Quiçá até algum deles pensou que o almoço esteve determinado por um papo cabeça. Limitaram-se a repetir as informações que qualquer página de internet de cinema diz, claro que no caso dos jovens mencionados, sempre excluindo a sinopse do filme. Este foi, para mim, um claro exemplo de vivência, em termos Benjaminianos.

Bernard Stiegler (2007: 22) tem uma reflexão a respeito da massificação de comportamentos e escolhas, quando nos fala da "necessidade, para o capitalismo, de massificar os *comportamentos* para fazer com que os indivíduos adotem objetos-padrão produzidos em série, onde é preciso, evidentemente, que os comportamentos sejam eles mesmos *padrão* e *induzidos em série* ou, ainda, propriamente dito, produzidos. Comportamentos induzidos aos quais seria preciso opor a *questão de uma outra atitude*"[2]. Essa 'outra atitude', poderia ser a procura de transformar a massificação em experiência.

Mas então, como transformar uma vivência em experiência? Quando se consegue não transmitir uma informação e sim transmitir um conhecimento? A diferença entre a primeira e o segundo radica em que o conhecimento precisa tempo, uma reflexão, um processo de análise, ou como mínimo, que o sujeito se autorize a realizar uma introspecção para entender melhor o que vivenciou. Neste momento aparece um grande impedimento

[2] Sublinhados no original. STIEGLER, Bernard. **Reflexões (não) contemporâneas**. Chapecó: Argos Editorial, 2007.

para o mundo contemporâneo hipercapitalista: tempo. "O consumismo é o desaparecimento do tempo", nos recorda Bernard Stiegler (2007: 48). Não há tempo para nada que não seja 'fazer' sem pensar muito; consumir o que os outros assinalam, acumular o que está na moda e comprar para lotar os armários, mesmo sem ter possibilidades de usar.

Vejamos um pouco mais as diferenças existentes entre essas duas categorias humanas. Maria Rita Kehl[3] (2009: 161-2) nos lembra que a experiência "tem o sentido daquilo que, ao ser vivido, produz um saber passível de transmissão. Um saber que pode ser passado adiante e que enriquece o vivido não apenas para aquele a quem a experiência é transmitida, mas também para aquele que a transmite. É no ato da transmissão que a vivência ganha o estatuto de experiência, de modo que não faz sentido, em Benjamin, a idéia de experiência individual".

É importante sublinhar que a autora fala de enriquecimento interno tanto para aquele que transmite quanto para aquele que recebe a experiência. Fica evidente que não se trata, simplesmente, da transmissão de uma informação, de um mero dado tal como qualquer aparelho das novas tecnologias pode fornecer. No entanto, o processo de transmissão exige não só a questão do tempo, como também a apertura para um outro. A velocidade do tempo é incompatível para que dê certo esse processo de escutar e ser escutado. De confrontar o que foi vivido com aquilo que o outro pode articular dessa mesma vivência para transformar, juntos, esse fato em algo da ordem da experiência. Freqüentemente os encontros de grupos de jovens e dos não jovens se fazem em bares. É muito comum ver um bar vazio e, do lado desse, um outro bar, mas lotado de gente. Ambos os bares podem ter até o mesmo perfil (de preços, de arquitetura, de decoração), mas quanto mais lotado estiver, mais desperta o desejo das pessoas de ingressarem nele. Trata-se de algo evidente que, aos poucos minutos de permanência nesse lugar, o sujeito deve ir gradativamente aumentando o volume da sua voz para ser escutado. A isso podemos acrescentar, como um deslocamento no tempo, a ingesta de álcool. Moral da história: entre o álcool e o volume de barulho, ninguém transmite nem recebe nada. Trata-se de corpos que estão em presença e proximidade de outros corpos, mas geralmente não passa disso. Parafraseando Bernard Stiegler, eles seriam um mal público exatamente porque eles não tem mais "espírito crítico, eles estão prontos a tudo engolir, a tudo aplaudir" (2007: 64).

Que importante é refletir a respeito do que constitui o sujeito contemporâneo. Sobre quais os características determinantes no mundo de hoje. A colega Maria Rita Kehl (2009: 161) faz um importante aporte e nos lembra:

> "A vivência corresponde ao uso que fazemos de grande parte do nosso tempo, sob domínio da vida produtiva nas condições contemporâneas. A que se deve a pressa do sujeito contemporâneo? Não ao valor que ele atribui ao seu tempo, como costumamos pensar, e sim, ao contrário, à sua desvalorização. (...) É evidente o sentimento de mundo vazio, ou de vida vazia, que decorre da supremacia da vivência sobre a experiência. A suposta falta de tempo para o devaneio e outras atividades psíquicas 'improdutivas' exclui exatamente aquelas que provêem um sentido (imaginário) à vida, assim como as atividades da imaginação, filhas do ócio e do abandono. Pela mesma razão também se desvaloriza, por ser 'inútil' ou 'contraproducente' a experiência do inconsciente".

[3] KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**. A atualidade das depressões. São Paulo: Bontempo Editorial, 2009.

Podemos apreciar, na citação da autora, que as vivências são séries de fatos que se realizam automaticamente, ou seja, que não produzem algum tipo de modificação relevante no psiquismo do sujeito. Claro que muitas ações que realizamos no nosso dia-a-dia não exigem um processo de especulação mental e menos ainda de reflexão. Atos comuns, tais como atravessar uma rua ou escovar os dentes, não exigem uma reflexão, um processo de especulação, consciente, sobre o cálculo matemático realizado, por exemplo no primeiro caso, entre a velocidade de deslocamento do veículo e a distância que há de se percorrer para atravessar a rua, mais o tempo que deve ser investido no acionar. No entanto, é bem diferente quando o sujeito encara a própria existência como sendo algo da ordem do "automático", mas uma simples imitação grotesca que a exteriorização de um desejo interno. Em termos psicanalíticos, podemos afirmar que precisamos do mecanismo de repressão, ou seja que, voluntariamente necessitamos evitar os devaneios, nos determos em recordações, em qualquer tipo de reflexão focalizada para muitos atos que realizamos no cotidiano, para que sejam executados eficientemente. Mas, este mecanismo – que se diferencia do recalque, em que intervém o Inconsciente- não poderia, ou melhor não deveria vigorar quase que exclusivamente na vida toda, em todo e qualquer momento da existência do sujeito. Portanto, o famoso 'estar no automático' pode ser pensado a partir da vivência. Para fazer uma espécie de analogia, poderia dizer que a vivência está para a informação, do mesmo jeito que a experiência está para o conhecimento. A primeira dupla se sustenta na exacerbação até limites insuportáveis, no assassinato do tempo e no apagamento da memória individual e coletiva. A segunda dupla para existir precisa a sucessão o devir do tempo, um processo de introspecção e a especulação mental. A respeito da quantidade de signos que proliferam para imobilizar o sujeito, vejamos uma citação de Eriksen (apud Bauman, 2008: 57):

> "Em vez de um conhecimento organizado em fileiras ordenadas, a sociedade de informação oferece cascatas de signos descontextualizados [vivência] e conectados uns aos outros de maneira mais ou menos aleatória. (...) Apresentado de outra maneira, quando volumes crescentes de informação são distribuídos a uma velocidade cada vez maior, torna-se difícil criar narrativas, ordens, seqüências de desenvolvimento. Os fragmentos ameaçam se tornar hegemônicos. Isso tem conseqüências sobre as formas como nos relacionamos com o conhecimento, o trabalho e o estilo de vida em um sentido amplo".[4]

A respeito do estilo de vida, de como o sujeito se exime da sua responsabilidade de escolher para adotar uma vivência pré-determinada por outros, vejamos um trecho de uma vinheta clínica: Uma jovem paciente em análise relata, em uma sessão, que ela junto com um grupo de amigas foram para a balada. Entraram em uma discoteca e cada uma se separou por diversos ambientes do lugar não se antes terem combinado que às 04.00 h se reuniriam em uma determinada mesa para conversarem e voltar para casa todas juntas. Foi feito tal como tinha sido combinado. Às 04.00 h está o grupo de jovens mulheres reunido à mesa de um canto da discoteca. Cada uma das jovens foi sendo interrogada "a quantos caras tinha beijado". – Eu beijei quatorze, respondeu uma jovem. – Mas, eu beijei vinte e dois, retruca uma outra. Assim sucessivamente até que chega a vez da minha paciente (muito bonita e com um corpo exuberante, para esclarecer alguma posterior dúvida). Ela

[4] BAUMAN, Zygmun. Cf. p. 57

diz: "Nenhum, não me senti muito à vontade neste lugar". O grupo – pelos dizeres dela- fitou-a com sinal de desaprovação e revolta, em silêncio, até que uma amiga lhe disse: "Então você está zerada". Perguntada como continuou a história, ela relata que absolutamente todo o grupo de amigas voltou para casa... sem companhia masculina e sem sequer um número de telefone para voltar a ter um contato. Portanto, há uma moral da história: todo mundo está zerado!

O sociólogo Bauman (2008: 27)[5], refletindo sobre a dificuldade de se defrontar com o outro, muito embora articule as reflexões a respeito da internet, as suas palavras poderiam ser aplicadas para a dificuldade ou impossibilidade de se relacionar com o semelhante: "Um encontro face a face exige o tipo de habilidade social que pode inexistir ou se mostrar inadequado em certas pessoas, e um diálogo sempre significa se expor ao desconhecido: é como se tornar refém do destino"

Interessante pensar que uma jovem pode se sentir rejeitada pelo grupo, com a conseqüente angústia que provoca, quando não responde à exigência de realizar atos de pertencimento, ou seja, estatísticas de beijar. Nenhuma delas se atreveu a encarar o desafio de conhecer uma outra pessoa, de dialogar, de tentar saber o que outro é ou como pensa... a única finalidade era fazer estatísticas. Quanto maior for a cifra, mais fálica se poderia mostrar a jovem perante as outras. Pura vivência, zero de experiência.

Novamente, Maria Rita Kehl (2009: 155) vem ao nosso auxílio para que não confundamos experiência com tradição:

> "A experiência que passa de geração a geração não é idêntica à perpetuação da tradição, cuja principal função é indicar o lugar que cada um deve ocupar na ordem social, assim como o tipo de comportamento adequado a tal lugar. A tradição participa dos mecanismos de estabilização e perpetuação do poder; a experiência, por sua vez, não tem relação com a autoridade e sim com o sentido que uma coletividade é capaz de extrair a partir do que seus antepassados viveram, ou das narrativas que seus contemporâneos trouxeram de regiões e de países distantes (está falando do narrador de histórias e do viajante que compartilha as terras que conheceu). A desmoralização da experiência, para Walter Benjamin, torna os indivíduos disponíveis para aceitar qualquer coisa que lhes seja apresentada sob a forma de novidade".

Pode até chegar a ser angustiante de imaginar as conseqüências no sujeito quando o grupo, a sociedade, se rege por demandas de vivências para que os integrantes possam sentir a sensação de pertencimento ao grupo e, especialmente, quando tem dificuldade para aceitar ou diretamente rejeita toda e qualquer tentativa do sujeito de transformar uma vivência em experiência. Por isso, para Walter Benjamin, acontece o que chamamos de desmoralização da experiência, ou seja, quando não há possibilidades, pelas razões que forem, de compartilhar uma vivência. Nesse caso não há nenhum ensinamento para tirar do vivenciado, não existe nenhuma articulação para ser feita. Nesse caso, o sujeito sente como auto-criado, por considerar totalmente obsoletos os valores e os ensinamentos de outras gerações. Não há nada para aprender com as outras gerações, se auto-proclama o sujeito contemporâneo. Aliás, esse é o lema da Nike, "você é o que você quer ser", tentando inculcar – via mercado, publicidade e meios de comunicação em geral – que o sujeito é auto-gerado segundo o seu anelo. Não se necessita de ninguém e menos ainda do saber das gerações anteriores que poderiam transmitir a experiência de erros e acertos.

[5] Idem, Ibidem, p. 27

Tenta-se apagar que o sujeito é a resultante de gerações e gerações que influenciaram e deixaram marcas para que ele seja o que hoje realmente é. Por isso, o mundo contemporâneo precisa peremptoriamente apagar toda e qualquer marca de memória tanto individual quanto social. Toda marca, seja no corpo ou na cultura, que mostre o devir do tempo, o fluxo da sucessão do tempo, deverá ser recusada porque poderia funcionar como um lembrete da impossibilidade de uma existência limitada à vivência sem que sucumba, como resultado dessa escolha primitiva, à culpa e à depressão. Não é mera coincidência que quase somos campeões mundiais... de cirurgias estéticas não reparadoras. Não entanto, o que o lema da Nike oculta, como paradigma contemporâneo, é que "você é o que você quer... sempre e quando dizer e fizer exatamente o que nós, do mercado, previamente temos escolhido para você ser". Paradoxalmente, o mundo contemporâneo não quer singularidades e sim massificação. Porque "onde os indivíduos se tornam massas e são cada vez mais sincronizados, idênticos ou parecidos uns com os outros, cada vez mais privados de sua singularidade", talvez deveríamos opor a resistência de ostentar a singularidade do nosso desejo não colado àquilo que prega a mídia. Por que não sermos singulares portando as nossas rugas como sinal do passo do tempo, de que escolhemos a experiência de vida e não as estatísticas ocas? Sejamos artistas de nós mesmos, ou seja, optemos pela singularidade se queremos continuar a existir como sujeitos pensantes.